

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

Grupo de Trabalho: GT 06 - O comportamento do consumidor sob as lentes interpretativas da CCT

Título do Trabalho: A inserção feminina na tribo do Jui-jitsu

Nome completo e instituição do(s) autor(es):

Cecilia L Queirós Mattoso – UNESA – MADE

Antonio Alberto Carmona P. Barros – UNESA – MADE

Lorena Meyer Campos – UNESA – MADE

Mayara Haddad Borges – UNESA – MADE

Palavras-chave: Brazilian Jiu-jitsu; gênero; violência.

1. Introdução

As influências sociais moldam o significado simbólico do corpo e de suas manifestações (THOMPSON; HIRSCHMAN, 1995). No caso da sociedade brasileira e mais especificamente do grupo praticante do Brazilian Jiu-jitsu (BJJ), a masculinidade é um atributo valorizado, surgindo na forma de características físicas e na manifestação da força. Nas tribos de jiu-jitsu a violência era uma característica marcante não só na prática do esporte, mas também no relacionamento interpessoal entre os participantes, se estendendo ao discurso e símbolos adotados (CHECCHETTO, 2004). A violência e a masculinidade, manifestas nos esportes de contato e artes marciais são atributos valorizados socialmente e se contrapõem à construção social do gênero feminino.

Sendo o jiu-jitsu um esporte, em sua origem, essencialmente masculino, o presente estudo buscou entender como se dá a sua adoção pelo público feminino?

As principais questões que o presente estudo buscou responder são: Como se dá a construção do gênero feminino dentro de um contexto historicamente masculino como o BJJ? Como fica hoje a visão feminina da masculinidade e violência? As mulheres assimilam a masculinidade como atributo desejado para lutar? Está havendo uma dissolução de fronteiras de gênero? Na construção social o gênero feminino ainda é visto como inferior? Como ele é visto no BJJ? Novos significados de gênero estão surgindo? Que transposições de obstáculos e motivações para a prática do esporte pelo público feminino podem ajudar às academias a conseguirem novas adeptas ao esporte?

2. Referencial teórico

2.1 A construção de gênero e o esporte

O conceito de gênero não é fixo e as pessoas não são aquilo que foram previamente determinadas (CHANNON, 2014). Essa visão essencialista é substituída pela visão de algo construído através de hábitos, costumes e relações sociais. Ou seja, o gênero é constantemente reforçado pelo comportamento. Esse processo é chamado de *doing gender* (WEST; ZIMMERMAN, 1987).

Sociólogos do esporte e estudiosos de Educação Física (Brown, 2006) têm em Bourdieu (1989) uma forte base para entender o papel do corpo e do gênero nos esportes. As ideias de Bourdieu (1989) sobre esportes e corpos de gênero causaram polêmica. Hargreaves (1994) por exemplo diz que Bourdieu trata as pessoas como se elas fossem propriedade do sistema e não leva em consideração a forma como o esporte capacita as pessoas e, especificamente no caso das mulheres, as faz resistir e mudar as relações sociais de gênero. Porém, o próprio Bourdieu (2001) evolui com sua noção de gênero, entendendo que as relações no campo podem durar por um longo período, mas que certamente não são permanentes.

Com relação à prática de esportes, Bourdieu (2001) fala do corpo da mulher como não sendo um corpo para os outros, mas sim um corpo para a própria pessoa. O corpo passivo passa a ser um corpo ativo. Essa profunda transformação subjetiva e objetiva no corpo se dá devido à prática intensiva de esporte. Embora com cautela, Bourdieu (2001) fala do potencial do esporte para a subversão dessa dominação masculina, revertendo a maneira como o corpo feminino é visto, por exemplo como objeto de caça.

Historicamente o gênero feminino é visto como mais fraco, tanto físico quanto intelectualmente. Dessa forma, adotar um gênero é aceitar o privilégio social histórico masculino em termos de melhores salários, melhores trabalhos e posições sociais (LORBER, 2000; BRADLEY, 2013). Porém, uma vez que o gênero é construído ele pode ser também desconstruído - *undoing gender* (RISMAN, 2009; DEUTSCH, 2007). As relações sociais podem diminuir a desigualdade de gêneros (DEUTSCH, 2007). Inclusive a integração de gêneros nas artes marciais, o treinamento em conjunto e as competições em igualdades de condições físicas podem ajudar a desconstrução de gêneros trazendo mais igualdade social (CHANNON, 2014).

Para entender o cenário, é importante contextualizar os três movimentos sociais feministas sob a ótica da diferença de gêneros. Ressalta-se que a ideia não é defender nenhum tipo de movimento, mas sim analisar as possibilidades e interseções de cada um, assim como também existem suas limitações, no intuito de demonstrar como mulheres esportistas se apropriam desses movimentos para trazer significados e respostas para suas condições de vida.

2.1.1. Terceira Onda do Feminismo

Esse movimento defende a diferença, a multiplicidade, complexidade e as atitudes livres, sem restrição do sexo feminino. É uma tentativa de pensar além de gênero, sexo e raça (COCCA, 2014; FERNANDES, 2010).

Destaque ao corpo feminino, trazendo força e poder são elementos importantes desse movimento (COCCA, 2014). Dessa forma, fica claro que a juventude e a beleza feminina não são somente itens feministas, mas são usados como ferramentas que trazem mais poder ao sexo feminino. Beleza, força e habilidade podem andar juntos, inclusive esses elementos também fazem parte desta terceira onda do feminismo uma vez que demonstra que não existe diferença de sexos para ser bem sucedido no esporte (BRUCE, 2016).

2.1.2. Pós Feminismo

O pós feminismo é tido como um movimento particular que valoriza as mulheres pelos seus talentos e dessa forma, atribui o sucesso as características delas, ao invés de somente defender o sexo feminino e igualdade de gêneros (GILL; SCHARFF, 2002). Além disso, também é um movimento de sensibilidade feminina. Através de sentimentos, atitudes e discursos as mulheres do esporte usam a forças das mídias sociais para fazer um discurso sobre o poder da dinâmica dos gêneros (GILL, 2007).

A principal característica desse movimento é que as mulheres podem ser femininas, mas ao mesmo tempo competentes e livres para escolher seus destinos, transformando suas vidas e obtendo sucesso em suas áreas de atuação (GILL, 2007; GILL; SCHARFF, 2002).

2.1.3 Neoliberalismo Feminino

Existe ainda grande relação entre o movimento pós feminismo e o neoliberalismo feminino (GILL, 2007). Porém, o primeiro trata mais de uma visão ampla social e política. Já o neoliberalismo é entendido como uma máquina para que as mulheres sejam bem sucedidas no mercado através de empreendedorismo e do encorajamento de iniciativas empresariais. Dessa forma as mulheres podem obter independência econômica (ROTTENBERG 2014; PRÜGL, 2015). O neoliberalismo encoraja a liberdade individual através de iniciativas voltadas para o empreendedorismo e para o mercado. As postagens

nessa linha, de empoderamento feminino, retratam o neoliberalismo feminino (PRÜGL, 2015).

É importante ressaltar que dentro do mundo feminino podem haver diferenças e que a opinião feminina, a escolha e a liberdade de sexo já são itens relevantes e frequentes no contexto. As mulheres têm poder para o livre arbítrio e orgulho de suas escolhas.

O ideal do feminino de fraqueza física é transmitido para mulheres e homens através de todas as instituições sociais: família, religião, trabalho e lazer e meios de comunicação. Ser feminino torna-se crucial para uma mulher encontrar sentido com ela mesma (BARTKY, 1998). Rotinas, aparentemente subconscientes, tornam-se internalizadas e os corpos incorporam a consciência na forma de auto identidade e auto imagem (GUTHRIE; CASTELNUOVO, 1994). De acordo com a visão de Butler (1993) sobre os corpos construídos, as diferenças de força são construídas à medida que os corpos fazem feminilidade e masculinidade. Isto é, fazer masculinidade fortalece, ao passo que fazer a feminilidade cria fraqueza.

2.1.4 Feminismo e esporte

No cenário esportivo, Roth e Basow (2004) ressaltam a crescente participação de mulheres nos esportes, que pode significar uma libertação feminista baseada no físico e trazer mais respeito, poder e confiança. Os esportes oferecem às mulheres o “potencial para reduzir os desequilíbrios de poder físico nos quais o patriarcado é fundado e reificado” (CASTELNUOVO; GUTHRIE, 1998).

Roth e Basow (2004) discutem o feminismo físico em esportes como um possível meio de liberação física. Elas observam que as mulheres não são mais fracas que os homens, mas o mito da fraqueza das mulheres muitas vezes não é contestado nem mesmo pelas feministas. Além disso, as autoras observaram que muitas feministas, especificamente feministas culturais, são contra a libertação das mulheres por causa de seu foco na violência do esporte.

Numa visão contrária, McCaughey (1997) elogia o feminismo físico e o empoderamento das mulheres através das artes marciais. Ela observa que, "como mais mulheres tornam-se treinadas, diferenças físicas entre homens e mulheres provavelmente se tornarão menos óbvias" (MCCAUGHEY, 1997,

pag.84). Para Noel (2009), o feminismo físico é um conceito que teoriza o uso que as mulheres fazem de seus corpos para empoderarem-se na sociedade.

Por outro lado, Lawler (2002) defende que as mulheres estão participando de esportes de combate por que as mesmas estão começando a correr riscos físicos. A participação em esportes de combate pode ser um desafio deliberado de estereótipos de gênero. Dessa forma, traz ainda mais conceitos de posse e controle, observando que as artes marciais permitem que as mulheres revejam seus corpos, como algo que não pode lhes ser tirados (LAWLER, 2002).

As artes marciais também são vistas como uma forma física do feminismo porque "nas artes marciais podem ser desfeitas visões sociais sobre a segurança das mulheres, fornecendo mensagens de oposição às normas dominantes (NOEL, 2009, pag. 35). Dessa forma, Noel (2009) acrescenta que as mulheres se beneficiariam do engajamento de seus corpos além de suas mentes para lutar contra uma cultura de estupro que reforça fraqueza e vulnerabilidade das mulheres à violência masculina.

De acordo com Donnelly (2013), a participação de mulheres nos jogos olímpicos cresceu consideravelmente passando de 1,8 % nos jogos de Londres em 1908 para 44,3% no jogos de 2012 e atingindo 45% nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016 (COI, 2016). Em agosto de 2016, o Comitê Olímpico Internacional confirmou mais 5 categorias de esportes para os Jogos Olímpicos do Japão em 2020, entre eles 3 esportes de ação sendo: surf, skate e escalada. Essa iniciativa foi um esforço para atrair o público mais jovem e incentivar as mulheres a participar dos jogos, num discurso de igualdade de gêneros. Aliás, promover a igualdade de gêneros é uma das 40 recomendações da agenda Japão 2020. Com a inclusão das novas modalidades espera-se atingir o recorde de 48,8% de participação feminina no Japão (COI, 2017c).

Apesar da crescente representatividade feminina nos jogos, as posições técnicas são predominantemente masculinas. Segundo Henry e Robson (2010), as mulheres representam 17,6% nos Comitês Olímpicos Nacionais e 18% nas Federações Internacionais. A meta do COI é atingir 20% de mulheres como membros dos mencionados Comitês (POSTLETHWAITE, GRIX, 2016).

No caso específico das lutas, Jennings (2014) afirma que mulheres têm treinado em esportes de combate por milhares de anos embora tenham sido

ignoradas e discriminadas pela mídia. No *wrestling*, por exemplo, as lutas femininas eram vistas como “show de aberrações”, uma vez que as mulheres eram vistas com imprevisíveis e de emocionalmente instáveis (OPPLINGER, 2003). Apesar da presença feminina no esporte, as mulheres não tinham permissão para lutar nas Olimpíadas (FIELDS, 2005; JENNINGS, 2014).

Assim como no *wrestling*, as mulheres também sofreram preconceito no boxe e, embora seja recente a participação feminina nas competições há um debate sobre quando as mulheres começaram a praticá-lo. Segundo Campos (2005) as mulheres começaram a lutar boxe em meados do século XX, mas as mulheres boxeadoras foram, por muito tempo, vistas de forma negativa. A estigmatização das mulheres no boxe e as prisões de pugilistas femininas fizeram com que a mídia reforçasse pejorativamente a imagem de mulheres que lutam (JENNINGS, 2014).

Em fevereiro de 2013, o UFC decidiu trazer mulheres para o octógono pela primeira vez, através de um evento para determinar quem seria a primeira campeã de peso galo feminino da categoria. Atualmente, com duas classes de peso feminino e 60 mulheres lutadoras de MMA na lista do UFC (até 2016), o MMA feminino está desfrutando de seu maior sucesso até hoje. Segundo Quinney (2016), as contribuições da arte de luta têm beneficiado historicamente as mulheres e o Brazilian Jiu Jitsu (BJJ) continua a contribuir para a igualdade através de seus ensinamentos de autodefesa, bem como através do fornecimento de uma base sólida para as mulheres terem sucesso no MMA.

Independente da visão machista ou não sobre a participação das mulheres nos esportes de combate, é importante frisar que, as artes marciais são esportes e práticas em que homens e mulheres são tecnicamente iguais, ou seja, uma mulher faixa preta de alguma categoria é faixa preta e não faixa preta feminina. Não há, portanto, distinção entre faixa preta feminino ou masculino (QUINNEY, 2016).

3. Método de investigação

A abordagem escolhida foi a qualitativa, pois busca descrever, compreender e explicar comportamentos, discursos e situações, além da

complexidade da situação. As evidências foram coletadas mediante observações, entrevistas semiestruturadas ou informais, ou seja, conduzidas por um roteiro, porém com liberdade para o entrevistador acrescentar novas questões, caso julgasse necessário. Também foram analisados textos e fotos do Instagram retirados de comunidades femininas de Jiu-jitsu.

4. Análise das evidências

A análise do presente trabalho se dá contrapondo as evidências do campo com a literatura existente sobre gênero e esporte, mais especificamente a luta. Como a própria literatura indica, os significados de gênero são constantemente construídos e ressignificados, principalmente no campo do esporte. Ao buscar entender a inserção feminina no Brazilian Jiu-jitsu, objetiva-se aqui captar um retrato vindo da literatura sobre as distinções e significações entre feminino e masculino e contrapô-lo com a visão de gênero das entrevistadas para com isso municiar as academias com os novos significados e olhares de dentro da tribo. As características das entrevistadas podem ser vistas na tabela 1

Tabela 1: Perfil dos Respondentes						
Entrevistada	Idade	Estado Civil	Filhos	Profissão	Esporte	Tempo de Prática
1	27	solteira	0	Psicóloga	Jiu Jitsu	2 anos
2	35	Casada	2	Empresária e Professora BJJ	Jiu Jitsu	15 anos
3	36	separada	1	Tradutora	Muay Thai	2 anos
4	40	Casada	2	Médica	Jiu Jitsu	8 meses

Significado de feminino na luta

Uma vez que a construção do feminino é um processo, a presente seção abordará o significado contrapondo-o a diversos outros significados como o masculino, a violência e a possível dissolução de diferenças.

A entrevistada 4 foi a única que definiu o significado de feminino fora do contexto da luta, dando um olhar mais amplo em que o feminismo é marcado pela posição política e o feminino acaba sendo descrito pela vaidade e também pela fala e gestos, colocando assim uma visão mais próxima do pós feminismo. É interessante que para ela o corpo não define o feminino.

“Feminista é ser uma pessoa que defende o espaço da mulher, defende características das mulheres, etc. Luta por valores e direitos. É uma posição mais politizada. É diferente de

ser feminina, que tem mais a ver com a vaidade, em se cuidar, a forma como se coloca, como fala, tem a ver com o charme. Não acho que tem a ver com o corpo, mas é a capacidade de jogar um charme, lançar um olhar diferente.” – entrevistada 4.

“Na minha turma tem meninas mais, digamos assim, vaidosas, que compram luva rosa, de marca, vai para aula toda assim” – entrevistada 3

Apesar das outras entrevistadas não terem definido claramente o que é feminino, indiretamente elas corroboram com a visão da entrevistada 4, de que ser feminina tem a ver com ser vaidosa e cuidar do corpo. Na perspectiva da terceira onda do feminismo, juventude e a beleza feminina não são somente itens feministas, mas são usados como ferramentas que trazem mais poder ao sexo feminino (COCCA, 2014).

Essa visão de que ser feminina é também cuidar da estética é reforçada pela análise dos grupos do Instagram: Jiujuteiras, Jui-jitsu para mulheres e Marrentas BJJ. Percebe-se constantemente uma invasão de anúncio de produtos de beleza como unhas postiças, produtos para cabelo e outros. Tem muita pose, mulher maquiada e também há uma profusão de quimonos rosas, como mostram as fotos 1, 2 e 3. A gravidez de casais da tribo aparece como um momento muito desejado, pois aparecem muitas fotos de casais, ambos com quimono, reforçando o orgulho de ser BJJ.

Foto 1: Produto de beleza



Fonte: Instagram - Marrentas BJJ

Foto 2: Casal de praticantes



Fonte: Instagram – Jiujuteiras

Assim como no passado: mídia de massa; atividades promocionais em larga escala; e a aura legitimadora da ciência, foram forças do mercado que “normalizaram” o corpo ideal e seus significados (THOMPSON; HIRSCHMAN, 1995), hoje as tribos e as mídias digitais criam seus próprios significados, mas também dialogam com as demais forças socioculturais. Como dito anteriormente

na análise do que é ser feminina, as redes sociais mostram antigos estereótipos do feminino, usar maquiagem, ao lado de antigos estereótipos do masculino como ser musculoso (figura 3), ambos definindo o que é ser mulher e lutadora de jiu-jitsu. Como afirmou Bruce (2016), beleza, força e habilidade podem andar juntos, uma vez que não existe, segundo o autor, diferença de sexo para ser bem sucedido no esporte.

Foto 3: Maquiagem e músculos



Fonte: Instagram - JiuJuteiras

O jiu-jitsu parece ter finalmente conquistado uma posição também feminina, a ponto de algumas mulheres procurarem o BJJ somente para poder expor nas redes sociais o status de ser praticante, com pessoas comentando suas fotos com elogios: musa, linda, diva e outros adjetivos geralmente usados para mulheres. Há também uma clara uma valorização da participação efetiva, com técnica e posicionamento das mulheres no BJJ, como a foto 4.

Foto 4: Incentivo à prática feminina



Fonte: Instagram -JiuJuteiras

Uma outra questão ligada a ser feminina seria a questão de ter ou não ter que assimilar aspectos da masculinidade para ser respeitada ou ganhar desempenho na luta. Na visão das entrevistadas essa assimilação não é feita, talvez no passado isso tenha tido um destaque. O que se percebe hoje é uma diversidade com o uso da testosterona sendo algo banalizado.

“Em todos os esportes acontece o fato de que a testosterona é estimulada pelo esporte, é um hormônio masculino, mas não acho que seja por causa da performance da luta. Acho que é algo natural. Querer ter mais força, aguentar mais a dor, a sociedade diz que é masculino, mas não acho que seja necessariamente masculino. Eu treino jiu-jitsu e eu consigo manter meu lado feminino, não tem relação nenhuma, o BJJ é ser masculino” - Entrevistada 1.

Apesar de não fazerem a associação do masculino com luta, as entrevistadas concordam que no passado havia essa associação e muito preconceito. A diminuição desse preconceito parece ter se dado em função da disseminação e de um maior conhecimento do esporte. Ao não ser mais um campo desconhecido o preconceito diminui, como sugere Matusitz (2012), o aumento do conhecimento de um outro grupo pode levar a um gostar do outro grupo e levar a uma redução do uso de estereótipos e preconceitos.

“ Na época que eu entrei sim, tinha preconceito em mulher lutar. Era muito masculino. Mas mudou muito. [...] agora disseminou mais, já tem mais mulheres, é uma coisa menos preconceituosa. Antigamente você não via muita menina. Judô tinha, sempre teve. Elas não perdem o feminino, fazem trancinha, quimono rosa”. – Entrevistada 2

Luta gera igualdade ou não?

Como foi discutido na literatura, algumas autoras defendem o esporte de luta como libertação e empoderamento (MCCAUGHEY, 1997; LAWLER, 2002), mas Roth e Basow (2004) lembram que algumas feministas eram contra essas ideias por causa do foco na violência desses esportes, o que não era bem visto. Na visão de Noel (2009), as artes marciais podem ser vistas como uma forma física de feminismo porque nelas podem ser desfeitas visões sociais sobre a segurança das mulheres, fornecendo mensagens de oposição às normas dominantes.

Nossas entrevistadas veem a mulher como mais frágil fisicamente, mas ao mesmo tempo corroboram a ideia de que elas se sentem mais seguras e empoderadas. A luta mista é vista como inviável pelas entrevistadas, elas reconhecem seus limites.

“ Eu acho que o professor não vai usar a mesma força que ele usa com os homens, mas no condicionamento e treino é

igual, homem e mulher. A gente consegue fazer mais rápido do que os próprios homens fazem... eles não conseguem acompanhar. Acho que a gente tem um pouco mais de resistência que os homens, mas eles têm mais força, na hora de bater eles tem mais força” - Entrevistada 3.

“A gente se sente mais à vontade com outras mulheres, a gente treina mais duro de mulher para mulher, a gente vai pra grosseria com outras mulheres. Mas com os homens eles vão mais devagar conosco respeitando as características físicas de força e mantendo cuidado para não nos machucar, mas não por preconceito, é mais em termos de cuidado”. – Entrevistada 4.

Como salientou Bartky (1998), o ideal do feminino de fraqueza física é transmitido por diversas instituições sociais e torna-se crucial para uma mulher encontrar sentido com ela mesma. No discurso das entrevistadas a constatação de que elas têm menos força física não é percebido com inferioridade, é apenas uma constatação, que é seguida de outras vantagens como mais resistência. O ideal de fraqueza descrito por Bartky (1998) não aparece.

A presente pesquisa também quis verificar qual era a posição das entrevistadas com relação a visões machistas de que a mulher ainda é olhada pela sua beleza e o homem pela técnica. As postagens deixam bem marcado que, na luta, a técnica é o que importa e se é uma mulher ou um homem, não importa muito, como acontece em outros esportes. Como afirmou Quinney (2016), nas artes marciais homens e mulheres são vistos como tecnicamente iguais, ou seja, uma mulher faixa preta de alguma categoria é faixa preta e não faixa preta feminina.

Ainda que não tenham assimilado características masculinas, foi perguntado se as mulheres que praticam BJJ teriam uma imagem mais masculina e elas reagiram negativamente. “Tem gente em academia que acha legal corpo bombado, não é meu estilo, não acho bonito nem feminino. Mas no Brasil muitas pessoas, mulheres e homens, acham bonito isso. Aqui na academia não vejo ninguém assim” (entrevistada 4).

Com relação a um corpo musculoso, há uma certa controvérsia, não é algo amplamente desejado, mas não chega a ser algo negativo, ou exclusivo do masculino, dá para ser musculosa e feminina.

Motivadores p as mulheres adotarem o BJJ

Com o intuito de contribuir para que as academias angariem novas adeptas ao BJJ, o presente trabalho investigou o que teria motivado as entrevistadas a começarem a lutar. A questão da defesa e do empoderamento aparecem contundentemente. O interessante é que o empoderamento não se dá só na defesa ou na luta, mas se estende para o dia-a-dia.

“O jiu-jitsu me proporciona mais segurança hoje em dia, e mais empoderamento... O maior medo de toda mulher é ser estuprada. Se o cara não tiver técnica nenhuma e ele tentar me estuprar eu posso matar ele (com as técnicas do jiu-jitsu), [...]. Numa situação desse tipo você está em um estresse enorme e por isso não conseguiria agir, mas o jiu-jitsu nos treina nessa situação de estresse enorme.– Entrevistada 1

“Eu gostava muito, de exercício físico, fazer ginástica, eu corria. Aí como o Jiu-jitsu era um exercício forte eu fui, e o professor, começou a puxar para defesa pessoal de mulheres”.
– Entrevistada 2

“ A questão da defesa. Atualmente eu curto muito a ideia de saber me defender, fez diferença, me sinto mais segura. Acho que rola uma coisa de empoderamento, me sinto mais capaz de dar conta de outras questões, mais poderosa e acho que o que mais me chamou atenção foi a questão intelectual, isso foi muito bacana. Nunca imaginei que tivesse tanto raciocínio e estratégia (no jiu-jitsu). Isso pra mim sempre me desafiou sabe. Sempre fui meio nerd.” Entrevistada 4.

A questão intelectual e da estratégia é pouco explorada, mas é um diferencial único do Jiu-jitsu.

Pode-se resumir em quatro, as principais motivações das mulheres para buscarem o BJJ: segurança ou defesa pessoal; empoderamento ou se sentir capaz de enfrentar questões e obstáculos; condicionamento físico; e o exercício mental de criar estratégias. Surgiu ainda uma outra motivação para ingressar no BJJ, mas que não dura, a de buscar um namorado. Esse tipo de motivação faz com que as alunas não permaneçam muito tempo na academia. Como o propósito é outro, não duram muito.

“Aqui na academia não parava mulher, não parava. Elas entravam e logo estavam no grupo da zap e ficavam se metendo, falando muito, aí os caras não gostavam. Não dava muito certo, isso atrapalha, o que eu te falei, elas começam a ficar muito amigas, vão dando muita abertura, tirando foto, atrapalhando...”

depois do chopp ficam com alguém e somem da academia. Já até prevejo a sequência". Entrevistada 2.

A narrativa da entrevistada 2 mostra a atitude sexista de algumas mulheres, que ainda se colocam como caça. Entram porque o ambiente é masculino e reforçam o estereótipo de mulher frágil e fresca.

Barreiras para praticar BJJ

Uma das principais barreiras citadas foi a visão de que o ambiente ainda é tido como masculino e também o fato de ser um esporte de contato físico total, o que requer uma desconstrução do socialmente aprendido.

"Acho que uma dificuldade é que é um esporte de contato, a gente treina com homens, tem que transpor essa barreira do contato. Para uma mulher treinar tem que ter identificação com o estilo da luta. Tem uma coisa do jiu-jitsu que a mulher tem que se identificar. Se for mimimi não treina, mas a priori, antes de engatar no treino, se você sente incomodo, etc... aí já não vai... tem essa barreira, o incomodo, o contato, a dor, essa barreira masculina."- Entrevistada 1.

"Antigamente era um ambiente muito masculino [...], na academia que eu frequentava (17 anos). Mesmo hoje, você tem que se posicionar. Você não pode dar muita abertura, tem que ser firme". Entrevistada 2

"você fica amassada, se sente desconfortável, então é um esporte que você precisa gostar mesmo". Entrevistada 1.

O desconhecimento do esporte pode ser uma barreira para que as mulheres não pratiquem, apesar do BJJ para mulheres estar cada vez mais conhecido, há a barreira do contato físico.

"Talvez até elas estejam conhecendo mais o esporte, antes era assim: faço Bjj, mas não sabia direito o que era, o que queriam direito, por modinha mesmo. Agora não, já tá tendo mais exposição, conhecimento, aparece na televisão novela. Elas estão com menos vergonha de procurar a academia. – Entrevistada 2.

Significado de masculinidade e violência (brigas de rua)

Há na literatura a constatação de que existe uma conexão entre violência e masculinidade e alguns praticantes do jiu-jitsu ajudaram a construir essa visão. Do ponto de vista das entrevistadas os homens ainda veem na violência uma forma de se autoafirmarem, uma expressão de masculinidade.

“Pra mim masculinidade é uma performance de um gênero. Um gênero que diz que tem que ter força, tem alguns trejeitos. Sim o homem tenta ser violento para se autoafirmar, tem a ver com a performance do gênero, tem a ver com o poder também que vem junto com a violência”. Duda

Apesar de na literatura se encontrar bastante evidência sobre expressão da masculinidade por meio da violência, há uma outra discussão, se as lutas marciais são de fato violentas. Para Butler, violência é: "uma forma em que a vulnerabilidade humana é exposta a outros seres humanos, [...] pela qual somos entregues, sem controle, para a vontade do outro, uma forma pela qual a própria vida pode ser extinta pela ação intencional de outro" (BUTLER, 2004, p.22).

Hern (2013) também define violência em termos semelhantes aos de Butler (2004), enfatizando também a falta de consentimento e controle. Ele afirma que o boxe não é violento, porque "a violência é coercitiva por definição; é feito para alguém contra sua vontade, enquanto que, no box, você entra no ringue voluntariamente" (HERN, 2013, p.26).

O técnico de MMA Kavanagh (2016), defende uma posição exatamente como Butler e Hern: "a violência é inerentemente ruim, porque não é acordada consensualmente. Esportes de combate e artes marciais não são ruins; portanto, o MMA não é violência". Os termos do raciocínio de Kavanagh são claros. Por "violência", Kavanagh parece significar algo mais ao longo das linhas de "agressão". Para ele a luta tem regras, tem ganhador e perdedor e não vítimas como num assalto.

As entrevistadas estão alinhada com essa visão, talvez porque essa visão seja bastante disseminada na tribo. Como disse a entrevistada 1, "Há diferença entre luta e violência. [...] Violência não é necessariamente ruim. Depende do intuito. Acho que a luta tem um pouco de violência sim, mas o ambiente é controlado, não tem maldade, não é ruim nesse âmbito"

Havia no início dos anos 2000, uma onda de briga de rua na cidade do Rio de Janeiro envolvendo praticantes de Jiu-jitsu. A imagem da briga como sinônimo positivo de masculinidade está mudando. A entrevistada 2, dona de academia de Jiu-jitsu deu como exemplo uma das maiores franquias no mundo de academia de jiu-jitsu, a Gracie Barra. "Há um esforço para mudar, o lema

dos donos é jiu-jitsu para todos, eles querem incluir todo mundo, mulheres, famílias...” .Um exemplo desse intuito de mudar a imagem é a foto 4, bem família e com as meninas de cor de rosa.

Foto 4: Família e meninas praticando



Fonte: Instagram – Jiu-jitsu para mulheres

As entrevistadas também acham que a onda de associações de BJJ com brigas mudou muito e que hoje a imagem é outra.

“Mudou sim, era muita isso de brigas. Agora não tem mais isso não. Acho que foi intencional a ideia de dissociar briga de rua de jiu-jitsu, até a mídia ajudou a melhorar isso. Agora não é mais pitbull, é uma coisa mais esportiva, diminuiu muito. [...]Hoje em dia profissionalizou, até porque muita gente vive disso. A academia não quer ter uma imagem negativa. Antes, eu fui lá briguei, então eu sou bom, chamava atenção. Agora não, é queimação”. – Entrevistada 2

“Assim que começou era isso que a gente via. Um bando de jiu-jiteiros, era muita confusão, barraco etc. Hoje em dia acho que isso não acontece mais. Não vejo mais isso. Acho o oposto. A pessoa que pratica fica mais cuidadosa, mais calma, não percebo isso de dar armas para violência. Acho que é uma predisposição pessoal, de índole, de moral, de valores, etc.”- Entrevistada 4

A imagem da violência da briga de rua se tornou negativa dentro do BJJ, não se pode extrapolar para a sociedade como um todo, mas dentro da tribo não é mais um atributo valorizado, é "queimação". Parece haver por parte das mulheres uma valorização do oposto, do ser mais calmo e cuidadoso.

Igualdade de gênero ou diminuição dos estereótipos

A pesquisa também teve uma pergunta que foi, se os estereótipos de gêneros estariam mais frouxos no campo de esporte?

Assim como no passado: mídia de massa; atividades promocionais em larga escala; e a aura legitimadora da ciência, foram forças do mercado que

“normalizaram” o corpo ideal e seus significados (THOMPSON; HIRSCHMAN, 1995), hoje as tribos e as mídias digitais criam seus próprios significados, obviamente dialogando com as demais forças socioculturais.

Ana Hissa, Jornalista do SporTV e do Canal Combate e especialista em lutas marciais, em entrevista concedida a um dos entrevistadores deste trabalho, declarou que melhorou muito a maneira como as pessoas enxergam a mulher no mundo da luta. Segundo ela, antes você tinha um tabu de que mulher que trabalha com luta é bruta. No Invicta, no MMA ou BJJ, as meninas provaram que elas podem ser o que elas quiserem. Elas podem ser femininas, podem ser meninas que não são tão femininas, no sentido de se arrumarem, enfim, tudo hoje é respeitado. A luta é um esporte como qualquer outro e o perfil da mulher que faz luta independe da aparência, a capacidade dela é o que importa.

Também é essa a visão da entrevistada 2.

“No ambiente do BJJ também tem muita mulher masculina, mas eu acho que como cresceu o número de mulher feminina, o negócio até foi bom, com a mulher mais masculina, a mulher nhenhê não fica. Essa história do empoderamento é muito bom sim, porque a mulher fica mais segura” – entrevistada 2

Ainda a entrevistada 2 defende que a luta mista ajuda a diminuir as diferenças, mas alerta que a mulher só se faz respeitar quando ele leva o treino a sério, quando ela abraça a técnica e a vontade de crescer no esporte. É precisamente este tipo de inserção que faz com que a mulher seja respeitada e vista de igual para igual.

“Antes era misturado, aí eu fiz uma turma só para mulher. Essa turma deu super certo. Elas pegaram a técnica, o negócio todo e depois começaram a fazer com os meninos também. Eles viram que elas estão levando a sério, respeitaram. Aqui eu sou faixa preta, dou treino para um monte de homem, e eles, no tatame, me cumprimentam fazendo o OSS. Eles me veem como especialista. Eles dizem: quero ser igual a você. Me respeitam para caramba. É uma forma de empoderamento. É sim, desconstrução de estereótipos de mulher e de homem. É o que eu tô falando, acho que a mulher vai dominar os tatames hoje”.

Já uma das entrevistadas, a entrevistada 1, acha que a distinção continua existindo, mas não de forma pejorativa ou com uma visão diminuída da mulher. A questão é vista como biológica, pode-se treinar muito, mas o homem é fisicamente mais forte. Um avanço constatado é que não é mais necessário

copiar o homem, é o pós-feminismo, onde pode-se atribuir o sucesso as características delas, ao invés de somente defender o sexo feminino e igualdade de gêneros (GILL; SCHARFF, 2002)..

“Acho que é impossível igualar homem e mulher por causa das características físicas, por exemplo, é possível ter um treino em que as pessoas se olham como iguais, mas sempre tem a questão masculino e feminino, se eu treinar com um homem e se ele usar força comigo eu vou perder, mesmo que eu tenha técnica. Não vou conseguir fazer muitas coisas. Não sou a favor de igualdade de gênero, alguma distinção é importante, mas acho que a sociedade deve afrouxar mais as linhas entre o que é masculino e o que é feminino. Hoje não temos necessidade de copiar os homens”. – Entrevistada 1.

Para Gill (2007), através de sentimentos, atitudes e discursos as mulheres do esporte usam a forças das mídias sociais para fazer um discurso sobre o poder da dinâmica dos gêneros. Fica bem claro que a construção de um gênero é um processo em andamento.

5. Conclusão

Pode-se dizer que dentro do jiu-jitsu a construção do gênero feminino se deu mantendo características historicamente femininas, como a vaidade e a beleza, mas afrouxando o comportamento de fragilidade. A luta por um espaço parece não ser mais necessária, já está conquistado, então a mulher pode ser o que ela quiser. As mulheres não precisam buscar ser masculinas para serem respeitadas, mas podem ser se assim o desejarem. Características como ser musculosa tem diversos olhares, pode ser sinônimo de beleza, de força, ou do novo feminino.

Dentro do BJJ, o olhar desse novo feminino reconhece que biologicamente elas têm menos força, mas não são frágeis, são empoderadas e mais seguras. A secular doutrinação de que a mulher é inferior não tem adesão nas lutadoras entrevistadas. A mulher que domina a técnica da luta passa a ser respeitada pelas mulheres e pelos homens. Ela aprende uma nova forma de inserção, a do respeito advindo da técnica e da disciplina no esporte e por meio disto se empodera. Nessa igualdade ela pode ser quem ela quiser ser.

Também há um desejo de um afrouxamento nas questões de marcações de gênero. Não se pode depreender que as fronteiras de gênero se dissolveram, pois existe um desejo de expressar o feminino, mas essa expressão é livre. Tal qual na Terceira Onda do Feminismo, defendem a diferença, a multiplicidade, complexidade e as atitudes livres, sem restrição do sexo feminino (COCCA, 2014; FERNANDES, 2010). Não são mais atributos inconscientemente absorvidos da sociedade, mas livremente escolhidos.

A questão da violência ser um atributo valorizado e uma forma de refletir a masculinidade parece não encontrar respaldo junto ao público feminino entrevistado. Usar violência para autoafirmação e não defesa é visto como algo negativo e indesejado.

Ainda com relação à violência, existe uma nova leitura dos esportes ditos violentos. As entrevistadas têm claro que violência é sem consentimento e no esporte é tudo acordado com regras claras e participação livre, portanto não é violento.

Como contribuição gerencial o presente trabalho traz a sugestão de que se transponha obstáculos como o medo de treinar com homens ou o excesso de contato físico com explicações de que o ambiente é controlado e protegido e também há aulas separadas. As divulgações existentes de famílias, crianças e mulheres vaidosas praticando também ajudam a aproximar as candidatas à prática. Quanto maior a divulgação do esporte menor o preconceito.

Com relação às motivações, é bom divulgar os importantes ganhos que são o sentimento de segurança ou o ser capaz de se defender, o empoderamento, o condicionamento físico e o exercitar a criação de estratégias.

O esporte parece ter de fato empoderado as mulheres e ter sido um forte agente de mudanças. As praticantes têm corpos bem trabalhados que trazem força e poder, elementos importantes do movimento Pós Feminismo.

Referências Bibliográficas

- BAER, H. Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism. **Feminist Media Studies**, v.16, n.1, p.17-34. 2016.
- BARTKY, S. L. Foucault, femininity, and the modernization of patriarchal power. In R. Weitz (Ed.), **The politics of women's bodies: Sexuality, appearance, and behavior**, p. 25-45. New York: Oxford, 1998
- BOURDIEU, P. **Masculine domination**. Stanford University Press, 2001
- BRADLEY, H. **Gender**, Polity: Cambridge, UK, 2013.

BRADLEY, Harriet. Class descriptors or class relations? Thoughts towards a critique of Savage et al. **Sociology**, v. 48, n. 3, p. 429-436, 2014.

BROWN, D. Pierre Bourdieu's "Masculine Domination" Thesis and the Gendered Body in Sport and Physical Culture. **Sociology of Sport Journal**, v. 23, p. 162-188. 2006.

BRUCE, T. New rules for new times: Sportswomen and media representation in the third wave. **Sex Roles**, v.74, p. 361-376, 2016

BUTLER, J. **Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"**. New York, Routledge, 1993.

CASTELNUOVO, S; GUTHRIE, S. **Feminism and the female body: Liberating the Amazon within**. London, UK, 1998.

CHANNON, C. Towards the 'Undoing' of Gender in Mixed-Sex Martial Arts and Combat Sports. **Societies**, v. 4, n. 4, p. 587-605, 2014.

CHECCHETTO, F. R. **Violência e Estilos de Masculinidade**. Rio Janeiro: Editora FGV. 2016

CHECCHETTO, F. R.; FARIAS, P. O Fetiche da Musculosidade: Discursos sobre Corpo, Gênero e Saúde no Circuito das Academias e das Revistas Especializadas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 11 & 13th Women's Worlds Congress. 2017.

COCCA, C. Negotiating the third wave of feminism in Wonder Woman. **Political Science & Politics**, v.47, p. 98-103, 2014

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). Factsheet women in the Olympic Movement Update– June 2016. Retrieved from <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement-June-2016.pdf> , 2016

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). Tokyo 2020 event programme to see major boost for female participation, youth and urban appeal [Press release June 9th]. Retrieved from <https://www.olympic.org/news/tokyo-2020-event-programme-to-see-major-boost-for-female-participation-youth-and-urban-appeal>, 2017

DEUTSCH, Francine M. Undoing gender. **Gender & Society**, v. 21, n. 1, p. 106-127, 2007

GUTHRIE, S.; CASTELNUOVO, S. **The significance of body image in psychosocial development and in embodying feminist perspectives**, 1994.

DONNELLY M. K. The London 2012 Olympics: A gender equality audit, 2013

FERNANDES, L. Unsettling "Third Wave Feminism": Feminist waves, intersectionality, and identity politics in retrospect! In N. A Hewitt (Ed.), **No permanent waves: Recasting histories of U.S. feminism**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, p. 98-118, 2010

FIELDS, S. **Female Gladiators: Gender, Law, and Contact Sport in America. Urbana and Chicago**: University of Illinois Press, 2008

GILL, R. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility. **European Journal of Cultural Studies**, v.10, p.147-166, 2007

GILL, R., SCHARFF, C. New femininities: Postfeminism, neo-liberalism and subjectivity. **Houndmills**, UK: Palgrave MacMillan, 2011

LAWLER, J. PUNCH! Why women participate in violent sports. Terre Haute, IN: Wish., 2002

GUTHRIE, S.; CASTELNUOVO, S. **The significance of body image in psychosocial development and in embodying feminist perspectives**, 1994

HARGREAVES, J. **Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sports**, New York: Routledge, 1994.

HENRY, I.; ROBINSON, L. **Gender equality and leadership in Olympic bodies: Women, leadership and the Olympic Movement 2010** (Commissioned by the IOC Women and Sport Commission), 2010

JENNINGS, L.A. She's a Knock Out: A History of Women in Fighting Sports. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2014

KAVANAGH. <https://bleacherreport.com/articles/2605592-is-mixed-martial-arts-simply-violence-for-the-sake-of-violence>, 2016.

LORBER, Judith. Using gender to undo gender: A feminist degendering movement. **Feminist theory** ,v. 1, n. 1, p. 79-95, 2000.

MATUSITZ, J. Relationship between Knowledge, Stereotyping, and Prejudice in Interethnic Communication. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Vv10, n.1, 2012

MCCAUGHEY, M. Real knockouts: The physical feminism of women's self-defense. New York: New York University, 1997

MENNESSON, C. Gender Regimes and Habitus: An Avenue for Analyzing Gender Building in Sports Contexts. **Sociology of Sport Journal**, v.29, p.4-21. 2012.

NOEL, H. 'Undoing Gendered Power Relations through Martial Arts?' **International Journal of Social Inquiry**, v.2.2, p. 17-37, 2009

OPPLIGER, P. Wrestling and Hypermasculinity. Jefferson, NC: McFarland, 2003

POSTLETHWAITE, V.; GRIX, J. Beyond the acronyms: Sport diplomacy and the classification of the International Olympic Committee. **Diplomacy & Statecraft**, v.27, p.295-313. 2016

PRÜGL, E. (2015). Neoliberalising feminism. **New Political Economy**, v. 20, p. 614-631, 2015

QUINNEY, A. The UFC and third wave feminism? Who Woulda thought? Gender, fighters and framing on Twitter. **Martial Arts Studies**, n2, pa. 34-58, 2016

RISMAN, Barbara J. From doing to undoing: Gender as we know it. **Gender & Society**, v. 23, n. 1, p.81-84, 2009.

ROTH, A.; BASOW, S. Femininity, sports and feminism: developing a theory of physical liberation. **Journal of Sport and Social Issue**, v. 28, n.3, 2004

ROTTENBERG, C. The rise of neoliberal feminism. **Cultural Studies**, v. 28, p. 418-437, 2014

THOMPSON, C.; HIRSCHMAN, E. Understanding the Socialized Body: A Poststructuralist Analysis of Consumers' Self-Conceptions, Body Images, and Self-Care Practices, **Journal of Consumer Research**, v.22, n. 2, p. 139–153, 1995

THOMPSON, C.J.; USTUNER, T. Women Skating on the Edge: Marketplace Performances as Ideological Edgework. **Journal of Consumer Research**, v.42, n.2, p. 235–265. 2015.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. Doing gender. **Gender & Society** , v. 1, n. 2, p. 125-151,1987.